

al-mada

ARQUEOLOGIA • PATRIMÓNIO • HISTÓRIA LOCAL

ESPECIAL Pág. 63

A ARQUEOLOGIA E O MAR

ARQUEOLOGIA DE SETÚBAL Pág. 23

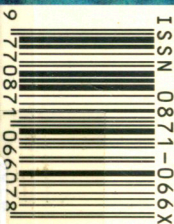
ARQUEOLOGIA E MUSEOLOGIA Pág. 58

IMAGENS DA CHINA Pág. 141

Pág. 53

**PARA QUÊ CONSERVAR E COMO APRESENTAR
OS VESTÍGIOS DO PASSADO**

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA



Os Recursos Marinhos

nas estratégias de subsistência da Pré-História do Sul de Portugal

por Carlos Tavares da Silva (*) e Joaquina Soares (**)

(*) Centro de Estudos Arqueológicos, Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. Av. Luísa Todi, 162, 2900 Setúbal.

(**) Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

Introdução

A relação entre as comunidades humanas e o meio aquático, tendo em vista a satisfação das necessidades alimentares, remonta aos primórdios do processo de hominização. Com efeito, como cita Jean-Jacques CLEYET-MERLE (1990: 20), Leakey encontrou vértebras de peixes associadas à fauna terrestre consumida pelo *Australopithecus*. O Paleolítico inferior da Europa revela-nos alguns testemunhos, embora escassos, da captura de peixes, muito embora não seja ainda possível falar de pesca. Restos de espécies marinhas foram assinalados, por exemplo, em Vallonet; peças esqueléticas de peixes de água doce foram recolhidas em Mas des Caves, Hérault, em Lazaret, em Isernia-la-Pineta, Itália e em Aridos 1, Madrid. O acampamento de ar livre do litoral de Nice, Terra Amata, com cerca de 300 000 anos, forneceu conchas de moluscos (LUMLEY 1975). Não obstante a importância da relação entre o Homem pré-histórico e os recursos aquáticos, em geral, e os marinhos, em particular, são escassos os estudos que a ela se dedicam, não só entre nós, mas também na maior parte dos restantes países europeus (a Dinamarca representa uma notável excepção).

Dois domínios são fundamentais para a abordagem dessa problemática: a Arqueoiictiologia e a Arqueomalacologia.

A Arqueoiictiologia não se realizou nunca em Portugal de forma sistemática. A maior parte dos autores tem-se limitado à identificação taxonómica dos restos ósseos de peixes, seguindo uma perspectiva estritamente paleontológica. E, mesmo assim, foram raríssimos os sítios objecto de tais análises. Até ago-

ra, publicou-se entre nós apenas um estudo de cunho verdadeiramente arqueoiictológico. Trata-se da análise de restos ósseos de teleosteos encontrados em níveis da época romana da ilha do Pessegueiro (BEJA 1993). E, contudo, são indiscutivelmente relevantes as informações de carácter ecológico, económico e/ou etnológico que aqueles estudos podem fornecer. Destaque-se, por exemplo, a sua contribuição para o estabelecimento do calendário anual das actividades de subsistência, com base no estudo da sazonalidade determinada a partir do exame dos anéis de crescimento das vértebras dos teleosteos.

Para que este domínio se exerça é necessário: 1) que o arqueólogo se encontre sensibilizado para a necessidade de recolher todos os restos ósseos de peixes, por vezes muito frágeis e de reduzidas dimensões, o que exige a crivagem integral dos sedimentos, efectuada através de malhas muito finas e, se possível, por via húmida; 2) que se formem especialistas nessa área. Sendo esta condição mais difícil de cumprir, talvez valesse a pena ao IPA realizar protocolo com o Laboratório Marítimo da Guia, tendo em vista a formação e manutenção de tais investigadores¹.

A importância das implicações ecológicas, económicas e etnológicas do estudo da malacofauna foi já por nós abordada em artigo publicado nesta mesma revista, para o qual remetemos o leitor interessado (TAVARES DA SILVA 1996). Também neste domínio é necessário proceder em Portugal ao incremento da investigação com a recolha e estudo sistemático do material malacológico conservado nas jazidas arqueológicas.

a b s t r a c t

Brief summary of survival and marine resources in the Pre-history of Southern Portugal until the end of the Copper Age. The Human Evolution Process is related to the transformations occurred in the marine exploration carried out to satisfy food needs.

The author states that there might have been a social and cultural model in the Middle Neolithic / Early Copper Age specifically associated to marine-estuary resource exploitation which contrasts with the Megalithic rural communities and the Copper Age production process, at the prime of their formation process.

r é s u m é

Brève synthèse des moyens de subsistance et des ressources marines à la Préhistoire dans le sud du Portugal, jusqu'à la fin du Calcolithique, mettant en rapport le processus d'occupation humaine avec les transformations survenues dans l'exploitation du milieu aquatique pour satisfaire aux nécessités alimentaires.

L'auteur soutient que, pendant le Néolithique moyen Calcolithique initial, aurait pu exister un modèle socioculturel spécifiquement lié à l'exploitation des ressources marines en estuaires, contrastant avec les communautés paysannes mégalithiques et avec le mode de production calcolithique, durant la phase d'apogée de son processus formatif.

¹ Para aprofundamento desta problemática cf. BRINKHUIZEN et al. 1986; CASTEL 1972; CLEYET-MERLE 1990; DESSE e GRANIER 1976; LE GALL 1982; MORALES e ROSSELLO 1988.

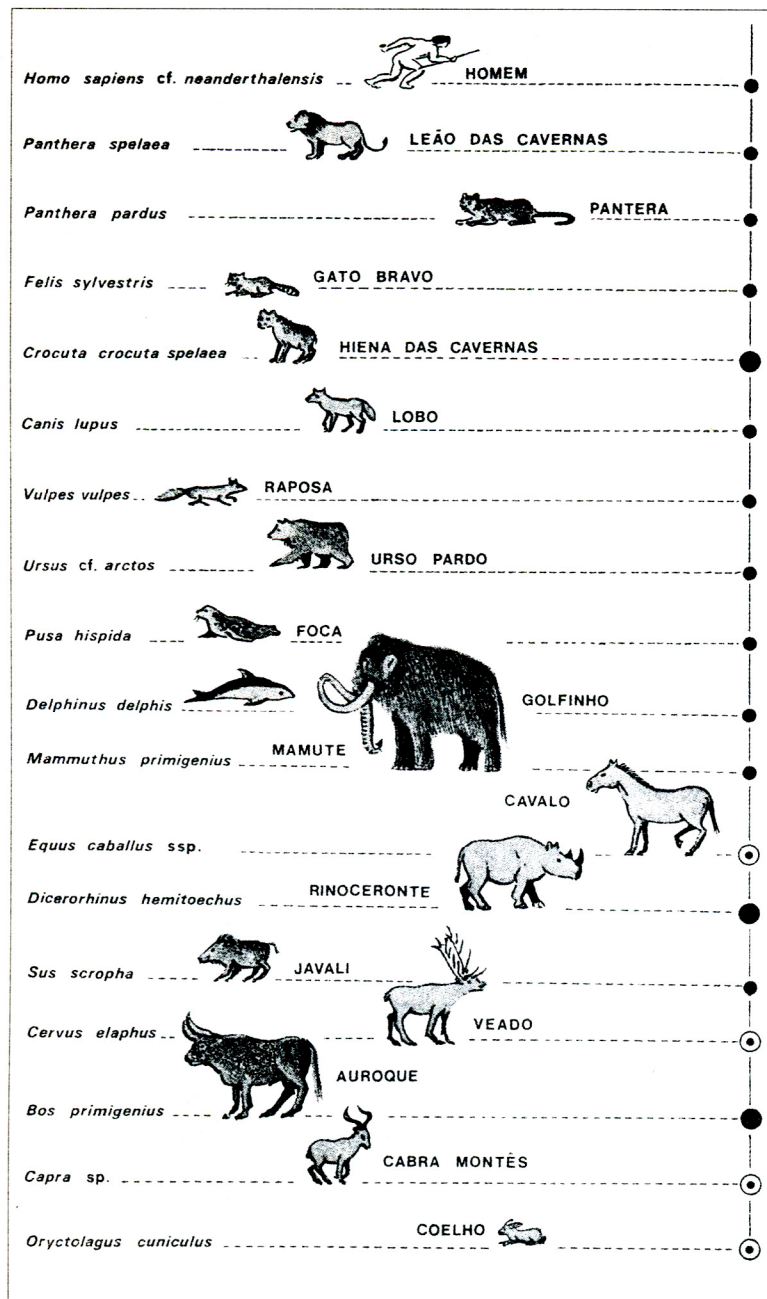


Figura 1 ↑

Espectro faunístico dos níveis do Mustierense final da Gruta da Figueira Brava (Arrábida). A presença de foca e de golfinho mostra como o *Homo sapiens neanderthalensis* que aí habitou explorou, ainda que de forma pouco intensa, recursos marinhos.

- pequeno círculo negro: raro;
- círculo maior, negro: escasso;
- duplo círculo concêntrico: abundante (segundo TELLES ANTUNES 1990-91).

Não obstante as enormes limitações da informação sobre paleoeconomia costeira, procuraremos traçar uma breve síntese sobre a subsistência e os recursos marinhos na Pré-história do Sul de Portugal, até ao final do Calcolítico, considerando a faixa litoral ocidental a sul do Tejo e a costa algarvia.

Paleolítico Médio: primeiros testemunhos de economias costeiras?

Os mais antigos testemunhos da exploração de recursos oceânicos com fins de subsistência datam, na região considerada, do Paleolítico médio e foram descobertos na Gruta da Figueira Brava. Esta cavidade, diacrise alargada pela erosão marinha em calcarenitos do Miocénico, na arriba meridional da

Arrábida, 5 metros acima do nível da praia-mar, foi reconhecida arqueologicamente pelos autores (TAVARES DA SILVA e SOARES 1986) e objecto de seis campanhas de escavação dirigidas por M. TELLES ANTUNES (1990-91). A jazida forneceu abundantes restos faunísticos (CARDOSO 1993), indústrias líticas predominantemente de quartzo (CARDOSO e RAPOSO 1993) e restos osteológicos pertencentes a um jovem da espécie *Homo sapiens neanderthalensis* (TELLES ANTUNES 1990-91). A rica informação acumulada, e datada de ca. 30 000 anos BP, mostra, como salienta este último autor, que o mar, que não estava longe, “era fonte de subsistência através da recolha de moluscos [salienta-se a espécie *Patella vulgata*]. Junto da costa nidificavam os grandes pinguins e outras aves aquáticas, incluindo espécies que hoje são próprias de paragens mais setentrionais. As aves eram intensamente exploradas”. Mas os restos de peixes rareiam. Por outro lado, “ossos de golfinho e foca indicam capturas de animais acidentalmente extraviados em águas demasiadamente baixas ou surpreendidos na praia. Pode pensar-se no aproveitamento de cadáveres dados à costa, ou de animais que aí morriam” (TELLES ANTUNES 1990-91: 530).

Seria, porém, secundário, somente complementar, o papel desempenhado pelos recursos marinhos na dieta do Homem da Figueira Brava. Na planície costeira e arenosa, hoje submersa (o nível do mar situar-se-ia a cerca de -60 metros em relação ao actual), que se estendia frente à gruta, eram caçados, com certa frequência, veados e cavalos e, mais raramente, rinocerontes e auroques; na serra, caçava-se sobretudo a cabra, mas também o veado, o javali, o urso e o coelho.

Em suma, o grupo humano que no final do Paleolítico médio ocupou a gruta da Figueira Brava desenvolveu uma estratégia de subsistência de largo espectro que, embora baseada na caça, levou à exploração de alguns recursos marinhos, designadamente moluscos e aves aquáticas do interface continente/oceano. Por agora este é, à escala regional, o primeiro modelo de economia costeira.

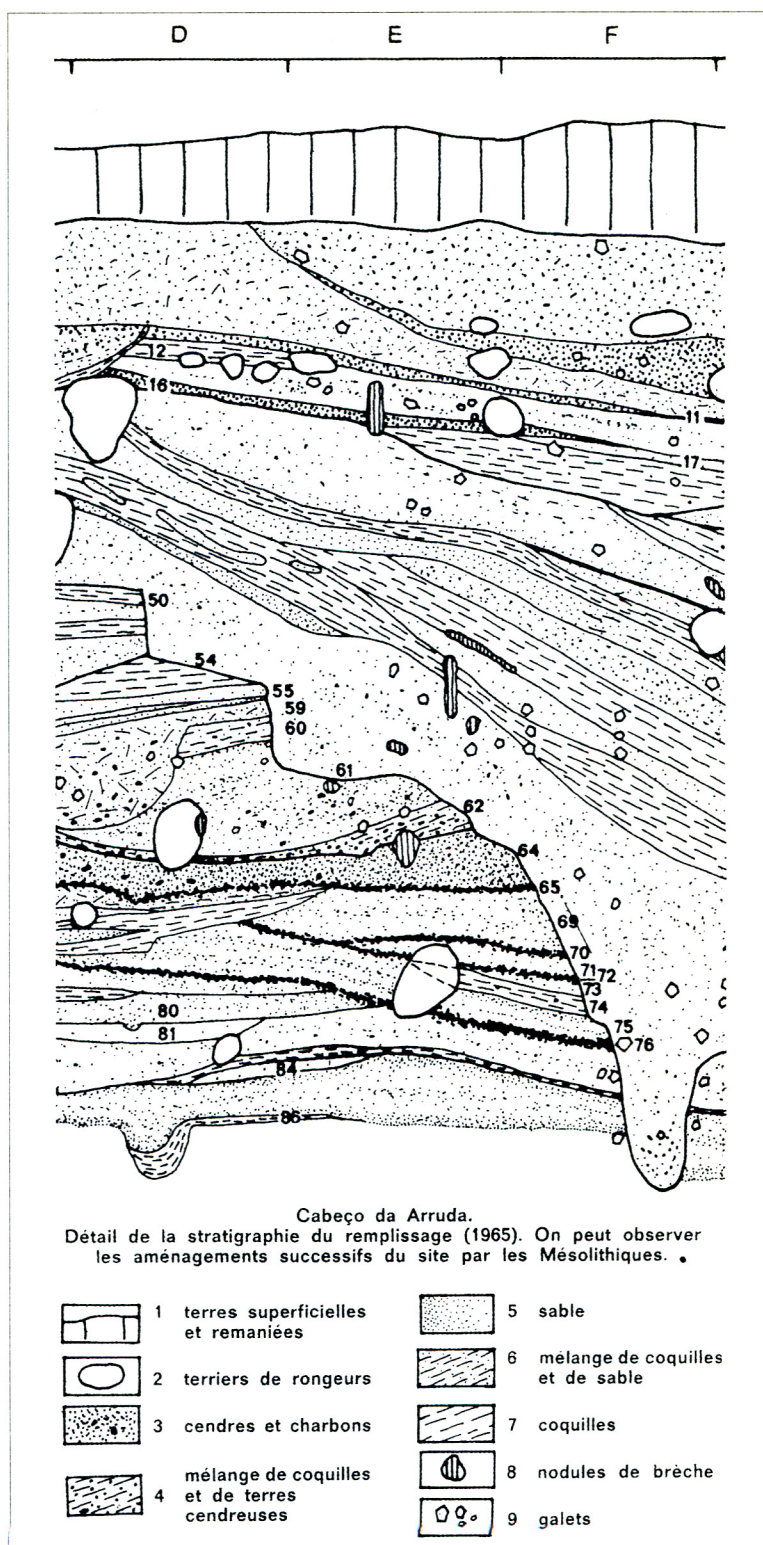
Mesolítico e Neolítico antigo: o tempo dos concheiros

Talvez devido a uma situação de profunda ruptura no sempre instável equilíbrio demográfico-ecológico, e na sequência das transformações climáticas ocorridas no fim da última glaciação, as comunidades do Mesolítico passam a dedicar-se intensamente à exploração dos meios marinho-estuarinos. Uma das consequências materiais deste processo, que se prolongou pelo Neolítico antigo, consistiu na formação de enormes depósitos de conchas de moluscos marinho-estuarinos, em geral associadas a outros detritos domésticos.

Na Costa Sudoeste, os mais antigos depósitos coníferos de origem antrópica remontam ao Epi-paleolítico. Na Pedra do Patacho, nas proximidades da actual foz do Mira, foi identificado um estabelecimento humano de curta duração, especializado na recollecção de marisco, datado radiocarbonicamente de $10\,380 \pm 90$ BP (ICEN-748) a $10\,000 \pm 105$ BP (ICEN-266), ou seja, pertencente ao Dryas III, último período, frio e seco, do Tardiglaciário (TAVARES DA SILVA e SOARES 1997). Os trabalhos arqueológicos aí realizados (SOARES e TAVARES DA SILVA 1993) revelaram um nível de ocupação cujos restos faunísticos conservados são exclusivamente malacológicos. A ausência de ossos de mamíferos, aves e peixes não pode ser imputada a factores de ordem tafonómica pois o depósito, densamente conífero, oferecia excelentes condições para a conservação de material osteológico. Essa ausência é, pois, explicável por argumentos de carácter cultural, ou seja, através do tipo de estratégia de subsistência. O grupo humano da Pedra do Patacho teria desenvolvido, nesse local, forte especialização económica na recollecção de moluscos, encontrando-se o seu território de captação de recursos limitado, fundamentalmente, ao paleoestúário do Mira. A recollecção incidia especialmente em áreas rochosas, abrigadas, das margens de um estuário francamente aberto às influências oceânicas. Aí se obtinham *ca.* 86% da totalidade do marisco recolectado, designadamente lapa (*Patella vulgata*), caracol do mar (*Littorina littorea*) e mexilhão (*Mytilus* sp). Fundos areno-vasosos e vaso-arenosos, acessíveis na baixa-mar, situados em área estuarina mais interior, eram também explorados, mas de forma menos intensiva. Daí provinha berbigão (*Cerastoderma edule*), amêijoia (*Venerupis decussata*) e lamejinha (*Scrobicularia plana*) que, no conjunto, representavam *ca.* 11% da totalidade dos invertebrados recolectados (TAVARES DA SILVA e SOARES 1997: 92).

De notar que, em *ca.* 10 300 anos BP, existia, entre a jazida (que actualmente é banhada pelo mar) e a linha de costa, uma planície litoral com cerca de 5 km de largura, planície atravessada pelo amplo estuário do Mira, no fundo do qual se localizava o estabelecimento humano. O carácter temporário (sazonal?) que este possuiria, sugerido pelo tipo de estratégia de subsistência identificado, é ainda reforçado pela baixa densidade de artefactos exumados e pela tecnologia dos mesmos: indústria lítica marcadamente macrolítica e expedita (TAVARES DA SILVA e SOARES 1997: 95).

Durante o Mesolítico e o Neolítico antigo a recollecção de marisco atingiu o seu máximo desenvolvimento, no âmbito de estratégias de mobilidade logística. Quer na Costa Sudoeste quer nos paleoestúários do Tejo e Sado, ocorrem numerosos concheiros que, ao contrário do nível conífero da Pedra do Patacho, com apenas 0,25 metros de espes-



sura, atingem vários metros de potência (2,5 metros no Castelejo, concelho de Vila do Bispo; 2 metros em Montes de Baixo, na ribeira de Seixe; 5 metros no Cabeço da Arruda, no vale do Tejo), revelando quase sempre complexas sequências estratigráficas, com níveis de ocupação e abandono.

Considerando a composição faunística, podemos reconhecer dois tipos de depósitos coníferos: os que oferecem, para além dos abundantes restos de invertebrados marino-estuarinos, ossos de mamíferos e peixes; e os que são constituídos exclusivamente por restos de invertebrados marino-estuarinos. Na Costa Sudoeste, os primeiros, bem representados em

↑ Figura 2

Perfil estratigráfico do concheiro do Cabeço da Arruda (Muge). Atenda-se à potência e complexidade estratigráficas deste concheiro de largo espectro faunístico (segundo J. Roche).

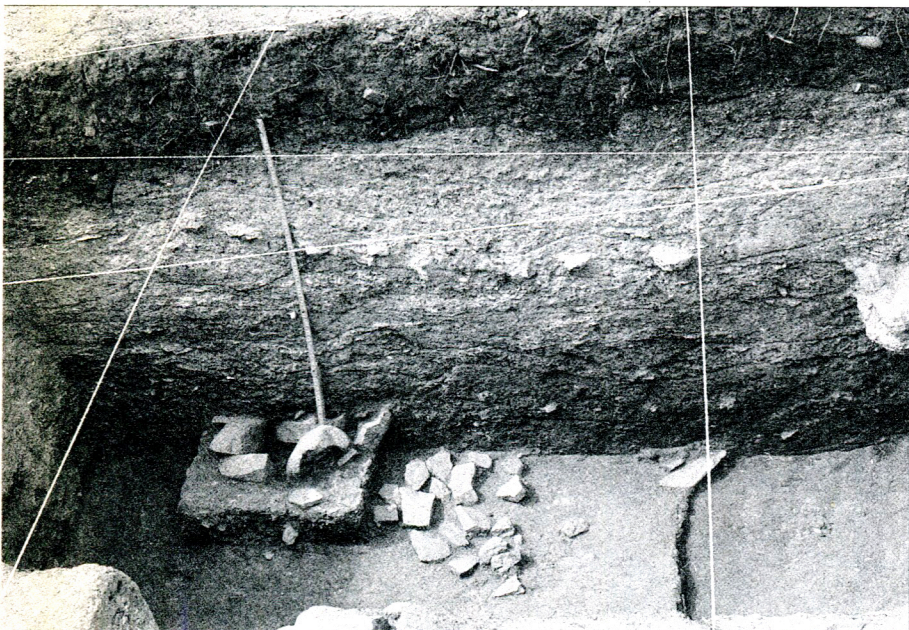


Figura 3

Concheiro do Castelejo (Costa Sudoeste). Níveis conchíferos de curto espectro faunístico correspondentes a curtas e sazonais ocupações especializadas na recolha de invertebrados marinhos. Na base, buraco de poste estruturado e estrutura de combustão repleta de termoclastos.

² Os invertebrados marinhos presentes em Samouqueira I (ocupação mesolítica datada de 7140 ± 70 BP após correcção para o efeito de reservatório oceânico, ou seja, calibrada a 2 sigma: 6117-5833 cal BC) são dominados pelo *Mytilus*, *Thais haemastoma* e *Patella*; ocorrem raros crustáceos cirrípedes (*Pollicipes cornucopia*) e equinodermes (*Paracentrotus lividus*). Os peixes surgiram em percentagem baixa o que pode ser explicado por causas tafonómicas. Os mamíferos estão representados por *Cervus elaphus*, *Sus scrofa*, *Bos primigenius*, *Lepus capensis*, *Vulpes vulpes* e provavelmente *Canis lupus familiaris*.

Samouqueira I (Porto Côvo) e Fiais (Odemira), podem corresponder a estabelecimentos de base, não só pelo largo espectro faunístico que apresentam ², como por outros indicadores: elevada densidade de artefactos e de estruturas domésticas e áreas de ocupação extensas (SOARES 1995); os segundos, especialmente patentes nos concheiros de Montes de Baixo (Mesolítico), Castelejo (Mesolítico e Neolítico antigo) e Medo Tojeiro (Neolítico antigo), corresponderiam a acampamentos economicamente especializados, ocupados, segundo uma lógica de complementaridade sazonal, principalmente nos finais do Inverno/inícios da Primavera (como é indicado pela presença de restos de ouriço do mar), em conexão com estabelecimentos de base.

O elevado consumo de moluscos compreende-se no quadro de uma estratégia alimentar de menores custos/menores riscos (CHENORKIAN 1989; TAVARES DA SILVA 1996).

Como escrevemos em outro local, “a intensificação da exploração dos recursos aquáticos verificada no Mesolítico parece ter sido um factor decisivo na precoce assimilação das inovações neolíticas, na Costa Sudoeste. Pela sua abundância e estabilidade, aqueles recursos suportaram um aumento dos índices de sedentarização indutora de crescimento demográfico. Este exigiria acréscimos de intensificação económica em cujo quadro se integra a assimilação das inovações neolíticas” (TAVARES DA SILVA e SOARES 1997: 104).

Ainda na Costa Sudoeste, a jazida de ar livre do Vidigal, a dois quilómetros da linha de costa e na margem esquerda do paleo-estuário do Barranco do Queimado (que actualmente separa o concelho de Sines do de Odemira), forneceu abundantes restos de peixes, estudados por O. LE GALL (1993). Embora considerado do Mesolítico, pela ausência de fauna doméstica, as datações radiocarbónicas — 6640 ± 90

anos BP (Ly 4695) e 6030 ± 180 anos BP (GX 14557) —, a abundância de crescentes, o aparecimento de alguma cerâmica e o contexto arqueológico regional sugerem que o Vidigal tenha sido ocupado durante o Neolítico antigo por um grupo especializado, numa das fases do *habitat*, na caça, e, em outra, na pesca. A maioria dos abundantes restos exumados pertence a peixes cartilagíneos, destacando-se os dos géneros *Mustellus* (cação) e *Myliobatis* ou *Pteromylaeus* (raia), oceânicos, mas que vivem perto da costa. Os teleósteos, em muito menor número, encontravam-se sobretudo representados pela dourada (*Sparus aurata*), espécie que, durante o Verão, frequenta meios estuarinos para, durante o Inverno, se refugiar em zonas oceânicas, mais profundas. Em fraca quantidade, surgiram restos de cavalas, robalos, corvinas e fanecas. A pesca teria sido praticada durante o Verão e/ou o Outono, em domínio litoral e mesmo estuarino (fundos areno-vasosos), à linha e através de arpão (raia). A presença de restos de peixes epipelágicos, como a cavala, sugere a utilização de redes lançadas de embarcações (LE GALL 1993: 138-139).

E quanto aos concheiros dos vales do Tejo e Sado? Localizados no fundo dos antigos sistemas estuarinos daqueles rios, ou seja, até ao limite da influência das marés (DAVEAU 1980), dotados de boa acessibilidade a uma grande diversidade e abundância de recursos, quer marinhos quer terrestres, parecem ter praticado economias de amplo espectro, o que não exclui o desenvolvimento diferenciado de uma ou outra actividade de subsistência (a caça ao veado parece ter desempenhado um papel económico relevante no sítio do Cabeço do Pez, enquanto a pesca se mostra mais importante nos sítios a jusante). Cada estabelecimento comportou-se como o ponto de partida para a exploração de todos os recursos disponíveis de um determinado território, no decurso do ciclo anual. Nos conjuntos faunísticos neles conservados, os moluscos detêm a maior visibilidade arqueológica. A fauna de invertebrados mostrase, na generalidade dos estabelecimentos, desequilibrada a favor das espécies *Scrobicularia plana* e *Cerastoderma edule*, muito bem adaptadas às condições ecológicas das imediações dos *habitats*: fundos vasosos e vaso-arenosos. Mas, para além destes, estão presentes muitos outros táxones de moluscos. O. da VEIGA FERREIRA (1956) identifica, no seu estudo sobre a fauna malacológica de Moita do Sebastião, 12 táxones de moluscos marinho-estuarinos. Há ainda a acrescentar, no que se refere a invertebrados, o aparecimento de restos de crustáceos, como as espécies *Carcinus moenas* e *Gelasinus tangeri*, assinaladas igualmente em Moita do Sebastião (VEIGA FERREIRA 1956). Ao contrário do que se verificou na Costa Sudoeste, não surgiu, porém, até agora, quer em Muge quer no Sado, qualquer concheiro constituído, no que à composição faunística se refere,

Foto: Carlos Taveira da Silva

Quadro I · Cabeço da Amoreira e Cabeço da Arruda

composição faunística dos concheiros

espécies identificadas	Amoreira		Arruda	
	N	%	N	%
Bivalves marinhos	28.123	31,6	1.437	11
Gasterópodes marinhos	703	0,8	360	2,8
Moluscos terrestres e de água doce	2.644	3	232	1,8
Cefalópodes	11	0,01	2	0,02
Crustáceos cirrípedes	19	0,02	—	—
Crustáceos decápodes	10.419	11,7	1.041	8
Peixes	3.511	3,9	458	3,5
Anfíbios	593	0,7	4	0,03
Répteis	155	0,2	25	0,2
Aves	220	0,2	69	0,5
Mamíferos				
identificados	13.867	15,6	4.693	35,9
não identificados	28.815	32,3	4.736	36,2
total	42.682	47,9	9.429	72,2

exclusivamente por restos de invertebrados marino-estuarinos. Todos os que foram objecto de escavações revelaram a presença de abundantes ossos de vertebrados. No que respeita aos mamíferos, exclusivamente selvagens, predominam o veados (*Cervus elaphus*), o javali (*Sus scrofa ferus*) e o auroque (*Bos primigenius*), embora se observe uma grande variabilidade faunística entre os diversos sítios, ocorrendo, mesmo, situações que podem apontar para formas de especialização. Assim, por exemplo, comparando os dados faunísticos do Cabeço da Arruda com os do Cabeço da Amoreira, em Muge (LENTACKER 1986), nota-se que a frequência relativa de fragmentos de ossos de mamíferos atinge no primeiro destes sítios quase o dobro do verificado no segundo, com um considerável aumento da importância do auroque, o que, atendendo às datas radiocarbónicas disponíveis para o Cabeço da Arruda, levou J. SOARES (1992) a formular a hipótese de este concheiro corresponder a um estabelecimento já neolítico, especializado na caça. É igualmente um dado adquirido para ambos os estuários que as populações mesolíticas neles estabelecidas assimilaram inovações neolíticas, integraram-nas no seu sistema económico-cultural sem rupturas drásticas no curto prazo, continuando a viver nas mesmas áreas, nos mesmos povoados. Estas economias de caça-recollecção complexas que antecedem as neolíticas parecem mostrar-se particularmente bem adaptadas aos meios estuarinos onde a biodiversidade e a elevada produtividade biológica terão suportado grupos mesolíticos relativamente territorializados, dotados de fraca mobilidade, em equilíbrio demo-ecológico, os quais prolongam o seu modo de vida adentro de cronologias do Neolítico antigo.

As economias de caça-pesca-recollecção dos VII e VI milénios cal BC, a que fizemos referência, constituem um característico modelo de modo de subsistência costeiro. Conscientes de que acedemos, mesmo nas jazidas melhor conservadas, apenas a uma pequena fracção da realidade, temos de proceder a um esforço de correcção da informação que chegou até nós. Assim, os restos esqueléticos de peixes, por razões tafonómicas, encontram-se, regra geral, sub-representados relativamente aos ossos de mamíferos e às conchas de moluscos; a recollecção de algas somente pode ser suposta com base em evidências indirectas — presença de moluscos não comestíveis que vivem sobre elas, designados na bibliografia como “pequenos gasterópodes”; da muito provável exploração de sal não sobraram vestígios. Nestes contextos arqueológicos, as conchas de moluscos, embora também elas sujeitas a intensa decomposição, adquirem uma grande visibilidade, a qual tem sido abundantemente discutida face ao baixo valor calórico desses invertebrados. Reforçando a ideia já exposta, convém ter presente que os bancos de berbigão, amêijoas ou ostras podem ter rendimen-

tos da ordem das centenas de toneladas por km². E se são necessários cerca de 50 000 berbigões para obter as calorias equivalentes às fornecidas por um mamífero terrestre de médio porte (BAILEY e PARKINGTON 1988: 6), é incomparavelmente mais imprevisível a captura do segundo que a recollecção dos primeiros. Transpondo para os nossos dias esta problemática e salvaguardando as distâncias, poderíamos dizer que tais recursos se comportaram como um “capital de risco” na estabilização dos grupos. Independentemente de toda a especulação que o tema possa comportar, parece, efectivamente, que os invertebrados marino-estuarinos constituíram, em exclusividade, a componente animal da dieta nos acampamentos economicamente especializados do Mesolítico e Neolítico antigo da Costa Sudoeste. O seu valor nutritivo (TAVARES DA SILVA 1996 e TAVARES DA SILVA e SOARES 1997), que não nos oferece dúvidas, fica, porém, muito aquém do seu interesse económico. Este apreende-se quando a recollecção de moluscos é integrada nas restantes actividades de exploração de recursos litorais alimentares e minerais (sílex, p. ex.) que, no conjunto, configuram as economias costeiras, antecessoras das formações sociais campesinas.

Recursos marinhos e divisão sócio-territorial do trabalho na Pré-História do Sul de Portugal

Com as profundas transformações económico-sociais verificadas na passagem do Neolítico antigo para o Neolítico médio, que provocaram o colapso do modo de produção de caça-recollecção complexo e a emergência do modo de produção doméstico

↑ Quadro I

Composição faunística dos concheiros do Cabeço da Amoreira e do Cabeço da Arruda (Muge).

De notar o largo espectro faunístico, com invertebrados marinhos, peixes, aves e mamíferos (in LENTACKER 1986).

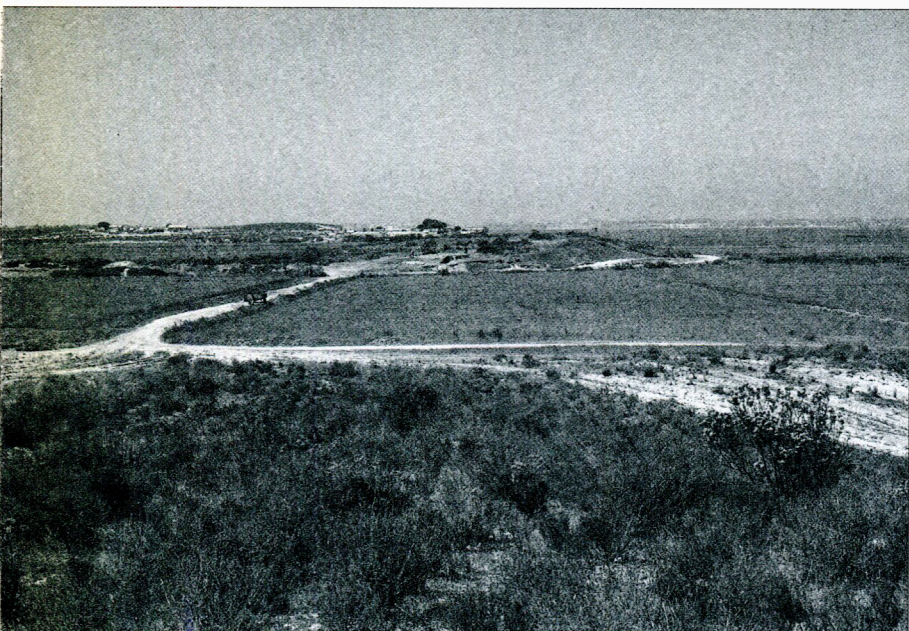


Foto: Carlos Theres da Silva

Figura 4 ↑

Barrosinha, Comporta.
No decurso do Neolítico médio e final, línguas de areia, confinantes com pequenas rias, ricas em marisco, foram ocupadas por grupos de mariscadores e pescadores que exploraram os recursos marino-estuarinos desta área, então situada junto da antiga desembocadura do Sado.

(TAVARES DA SILVA 1997), a centralidade detida, em termos arqueológicos, pelo litoral é agora transferida para o interior.

A partir do Neolítico antigo evolucionado, com o progressivo domínio da agro-pastorícia, torna-se claro, mesmo na zona costeira (Salema), que a vertente depredadora da nova economia perde importância e com ela os recursos marinhos. Porém, neste momento de viragem, existem grupos que, embora consumindo produtos agrícolas, por si produzidos ou obtidos por troca, prosseguem a prática da pesca e do marisqueio como actividades centrais das suas estratégias de subsistência. Estes grupos ocupam áreas pelo menos aparentemente confinadas, nomeadamente os estuários do Sado e Tejo. Relativamente aos concheiros do Mesolítico e Neolítico antigo do Tejo e Sado, verifica-se que os acampamentos do Neolítico médio sofrem uma deslocação para jusante, acompanhando o processo de colmatção estuarina induzida pela transgressão flandriana. O ambiente de ecótono onde se cruzam recursos marinhos, fluviais e terrestres continua a ser o eleito por estes grupos. Os contextos arqueológicos melhor conservados fornecem a imagem de economias agro-marítimas: a componente animal da dieta integra,

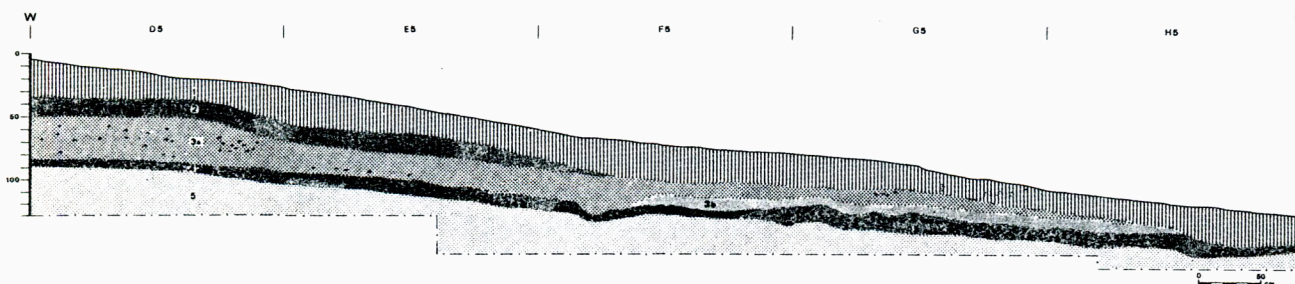
regra geral, moluscos marino-estuarinos, peixes e mamíferos domésticos. Este processo adaptativo às zonas húmidas pode ser seguido, no Sado, quase sem soluções de continuidade, desde o Neolítico médio ao Calcolítico inicial; foi identificado no Tejo para o mesmo lapso de tempo; na plataforma litoral, este tipo de economia agro-marítima encontra-se documentada somente para o Calcolítico, em dois sítios, na foz da Rib.^a de Seixe e na do rio Mira.

O início do estabelecimento dos grupos neolíticos de economia agro-marítima, no estuário do Sado, está representado pelo sítio do Pontal (Comporta I), datado de 4930 ± 50 BP (CSIC-648). A cerâmica conserva ainda reminiscências decorativas e morfológicas do Neolítico antigo.

A fase seguinte da ocupação da Comporta, que designamos por Comporta II, ainda do Neolítico médio e datada na Barrosinha de 4720 ± 50 BP (CSIC-652) a 4580 ± 50 BP (CSIC-649), assiste a um acréscimo do número de povoados (crescimento demográfico?) e à sua expansão por uma área mais vasta, desde Abul até à antiga desembocadura do Sado, situada então na Comporta. Corresponde igualmente a uma standardização dos itens da cultura material. Encontra-se representada pelos *habitats* do Celeiro Velho, Malhada Alta, Possanco (nível inferior), Barrosinha, Sapalinho e Carrasqueira, na margem esquerda do Sado. Na margem direita, o mesmo horizonte está representado pelos *habitats* de Abul e Faralhão. Na fase de Comporta II (TAVARES DA SILVA *et al.* 1986), coetânea da fase média do Megalitismo, a homogeneidade da cultura material, a forte fixação territorial, o dinamismo do povoamento em ambas as margens do estuário, não só através da criação de novos povoados, mas também com reocupações de antigos estabelecimentos, a sábia adaptação das estratégias de exploração de recursos a situações de *stress* ambiental conjugam-se na sugestão de uma forte identidade cultural. Reforçando o que ficou dito atenda-se, por exemplo, ao registo faunístico dos dois níveis de ocupação da Barrosinha, separados por uma fase de abandono. O nível inferior é constituído por um concheiro em que predomina quase exclusivamente a espécie *Venerupis decussata* (amêijoia), em exemplares de grandes dimensões. A segunda fase de ocupação, de filiação cultural idên-

Figura 5 ↓

Barrosinha, Comporta.
Perfil estratigráfico com dois níveis de ocupação (camadas 2 e 4), concheiros, separados por nível de abandono (camada 3) (segundo TAVARES DA SILVA *et al.* 1986).



tica à dos primeiros habitantes, forneceu abundantes conchas de *Solen marginatus* (navalha); presentes, também, exemplares de *Venerupis decussata* (mas menos abundantes e de menores dimensões que os da camada de base, provavelmente em resultado da sobreexploração deste táxon em fase anterior), e ossos de ovis caprinos, de aves e de peixes. Assiste-se, assim, a substancial alargamento do espectro dos itens de subsistência, facto que poderá estar relacionado com um decréscimo do rendimento dos recursos naturais previamente explorados e/ou com acréscimos de sedentarização e de densidade demográfica.

Ao contrário do que ocorreu no interior, na região da Comporta faltam as sepulturas. Com efeito, estes povoados não parecem associados ao ritual funerário megalítico. No início dos anos 80 observámos ainda os restos de uma inumação (em fossa?), no sítio da Malhada Alta, acompanhada de um pequeno vaso de colo, desmontada por trabalhos de alargamento do caminho que margina este arqueossítio.

Nos finais do IV-inícios do III milénio cal BC (Comporta III), o povoamento do estuário parece ter sofrido uma significativa alteração; o povoamento disperso da fase anterior deu lugar a um povoamento concentrado, representado por dois sítios: colina do Castelo de Alcácer do Sal e Possanco (níveis superiores), este último datado de 4270 ±50 BP (CSIC-653). No Possanco, onde foram observadas evidências faunísticas de economia agro-marítima, mantém-se a tradição de produção de cerâmica com superfícies não alisadas, rugosas, deixando perceber a técnica de montagem do rolo. A actividade oleira teria sido, aliás, praticada localmente, muito embora não tenhamos encontrado nenhum forno na limitada área escavada. A par das componentes tradicionais da cultura material, este povoado deve ter estado aberto ao contacto e a trocas com os povoados de economia agro-pecuária, à ambiência da Revolução dos Produtos Secundários (RPS) e à nova ideologia emergente que no sul de Portugal marcava o início do modo de produção calcolítico. A importante presença de corniformes singulares, registados igualmente no povoado do castelo de Alcácer do Sal e o

Quadro II · Barrosinha

espécies detectadas no concheiro

quantidade da amostra	C.4 (Q. H5) 20 l.	C.2 (Q. D6) 10 l.	C.2 (Q. D5) 10 l.
<i>Mytilus</i> sp.	267,5 g (2,91 %)	43,2 g (9,24 %)	56,3 g (5,89 %)
<i>Pecten maximus</i>	—	—	24,2 g (2,53 %) (1 valva)
<i>Cerastoderma edule</i>	5,4 g (0,06 %)	0,6 g (0,13 %)	—
<i>Ruditapes decussatus</i>	8916,2 g (96,87 %)	209,6 g (44,85 %)	561,1 g (58,68 %)
<i>Solen marginatus</i>	2,7 g (0,03 %)	177,7 g (38,03 %)	314,5 g (32,89 %)
<i>Thais haemastoma</i>	9 g (0,1 %)	34,6 g (7,40 %)	54,4 g (5,69 %)
<i>Rissoa</i> sp.	0,4 g (0,004 %)	—	—
Outros gasterópodes	3,3 g (0,04 %) ¹	0,3 g (0,06 %) ²	2,3 g (0,24 %) ³
<i>Balanus</i> sp.	—	1,3 g (0,28 %)	2,5 g (0,26 %)
Ouriço do mar	—	—	10,5 g (1 frag.)

¹ *Cerithium vulgatum* e *Monodonta* sp.

² Um fragmento de *Murex* sp. (?)

³ *Cerithium vulgatum* e *Hinia reticulata*

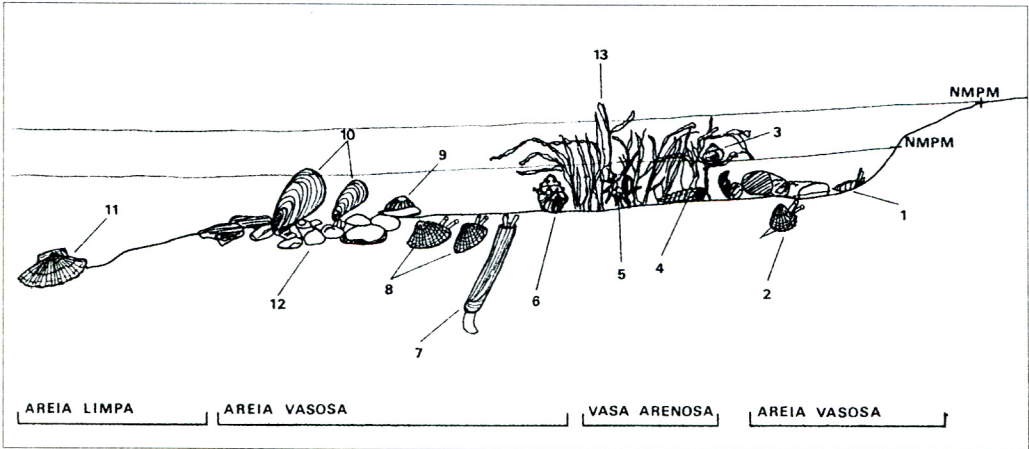
aparecimento de cerâmicas com decoração “simbólica” contrariam a tradicional ideia de isolamento que lhes é atribuído.

A informação disponível para as formações sociais do Neolítico médio, de economia agro-marítima, do estuário do Tejo, provém do sítio da Ramalha (Almada), *habitat* com níveis conquíferos, datado radiocarbonicamente da 2ª metade do V milénio cal BC e localizado na margem de um antigo esteiro. A par de uma intensa exploração dos recursos estuarinos, especialmente ostreídeos e *Venerupis decussata*, desenvolveu a prática corrente da criação de gado.

Da passagem do IV para o III milénio cal BC, contemporâneo do Possanco, com o qual, aliás, guarda inequívocos paralelos no que concerne à economia, localização e cultura material, encontra-se em escavação neste momento, pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, sob a direcção de Joaquina Soares, o sítio da Ponta da Passadeira (Barreiro). Trata-se de um estabelecimento aberto, de economia tipicamente anfíbia. A ocupação

↑ Quadro II

Espécies de moluscos, crustáceos e equinodermes detectadas nos níveis de concheiro da Barrosinha (a C.4 corresponde à primeira fase de ocupação; a C.2 à segunda) (segundo TAVARES DA SILVA et al. 1986).



↑ Figura 6

Perfil tipo da distribuição da malacofauna encontrada nas jazidas neolíticas da Comporta (segundo TAVARES DA SILVA et al. 1986). 1. *Hinia reticulata*; 2. *Cerastoderma edule*; 3. *Monodonta* sp.; 4. *Cerithium vulgatum*; 5. *Murex* sp.; 6. *Thais haemastoma*; 7. *Solen marginatus*; 8. *Venerupis decussata*; 9. *Balanus* sp.; 10. *Mytilus* sp.; 11. *Pecten maximus*; 12. Conchas/pedras; 13. Gramíneas (*Zostera* sp.).

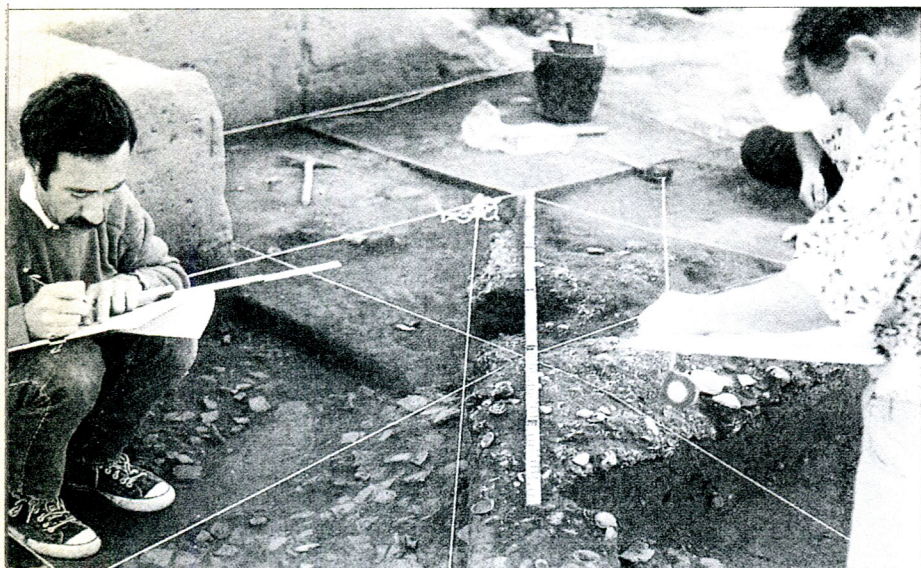


Figura 7 ↑

Ponta da Passadeira (Barreiro). Aspecto da escavação. Em primeiro plano, lixeira doméstica do Neolítico final onde abundam conchas de moluscos marino-estuarinos juntamente com ossos de peixes e de mamíferos domésticos, revelando uma economia agro-marítima.

assentou sobre um cordão arenoso da margem esquerda de um esteiro do Tejo com “*uma posição estratégica no que concerne à exploração de recursos aquáticos*” (SOARES 1996), exploração testemunhada através de estruturas de rejeição de restos de cozinha constituídos por conchas de moluscos estuarinos (amêijoia — *Venerupis decussata* —, navalha — *Solen marginatus* — e ostreídeos) e ossos de peixes. A pesca e a recollecção de marisco encontravam-se associadas à prática da agricultura (testemunhada indirectamente pelo achado de mós manuais, machados e enxós de pedra polida, instrumentos de corte, em sílex) e da criação de gado (ossos de mamíferos domésticos). Esta última actividade económica pode também explicar o aparecimento de numerosos artefactos corniformes singulares, em cerâmica, cuja carga mágico-religiosa parece indiscutível, reflectindo, ao nível da superestrutura, a importância económica do gado bovino no quadro da Revolução dos Produtos Secundários. Além disso, na Ponta da Passadeira teve lugar uma intensa actividade oleira que aproveitou as abundantes argilas existentes localmente. Assim, a escavação pôs a descoberto numerosos “foros” de produção cerâmica e as respectivas “entulheiras”, contendo muitos milhares de fragmentos de recipientes de cerâmica. A maior parte destes, tal como muitos dos encontrados no Possanco (Comporta), possuem as superfícies não alisadas, deixando ver os sulcos resultantes da junção dos rolos utilizados na montagem.

À semelhança do que se afirmou para os povoados do Sado, também este estabelecimento surge dissociado de realizações megalíticas. O tipo de sepultura e o ritual funerário do grupo humano que habitou a Ponta da Passadeira constituem um enigma e um desafio. No interior da argila utilizada na construção da “sapata” de um forno de cozer cerâmica surgiu, aparentemente perdido e descontextualizado, um calcâneo humano. Localizar-se-iam as sepulturas

Foto: Joana Soares

Figura 8

Ponta da Passadeira (Barreiro). Aspecto de estrutura de rejeição rica em conchas de amêijoia (*Venerupis decussata*) associadas a partes esqueléticas de peixe (algumas em conexão anatómica).



na área do povoado, tal como se verificou em Malhada Alta (Comporta II)?

Em resumo, os sistemas estuarinos do Sado e do Tejo dão-nos conta do desenvolvimento, entre a 2ª metade do V e os inícios do III milénios cal BC, de uma economia de tipo agro-marítimo, com uma importante componente depredadora, herdada de períodos anteriores. Esta parece ter sido integrada no modo de produção doméstico através de uma divisão sócio-territorial do trabalho que teria sido condicionada por factores de ordem geográfica e determinada por razões culturais. Paulatinamente foi-se forjando uma cultura onde as adaptações aos meios estuarinos engendraram certamente comportamentos e identidades culturais próprios, no decurso do processo de diferenciação, face às economias agro-pecuárias.

Sendo a identidade cultural um fenómeno essencialmente imaterial, decorrente da consciência individual e colectiva de pertença a um grupo social, unido em torno de uma origem comum, de vivências e memórias partilhadas, este seria um tema à partida interdito à pesquisa arqueológica. Sabemos que a variabilidade espacial da cultura material pode ser imputada a vários factores, entre os quais a etnicidade. Os estudos de etno-arqueologia têm mostrado que existe variabilidade espacial no interior de grupos pertencentes à mesma etnia e que o reconhecimento étnico se faz através de diferentes vias.

O modelo explicativo proposto assenta na valorização do processo histórico, na fronteira entre economia agro-marítima e economia agro-pecuária, na possível dicotomia entre rituais funerários megalíticos e não-megalíticos, em especificidades da cultura material. Muitos destes aspectos terão de continuar a ser, obviamente, testados. Mas, como escreveu S. SHENNAN (1989: 16): “To understand ethnicity it is necessary to have a historical perspective, because only then can we see how it comes into existence, what resources it uses, what rôle it plays in the process of social reproduction, and why it might have been mobilized [...]. On this basis the creation of the ethnic identities should have repercussions in terms of the self-conscious use of specific cultural features as diacritical markers, a process which might well be reflected in the archaeological record”.

A análise da exploração de recursos costeiros durante o Neolítico e Calcolítico por grupos estacionados na faixa litoral exterior aos estuários do Sado e Tejo revela-se bem mais complexa, em resultado da diversidade biogeográfica e de uma maior heterogeneidade da realidade arqueológica.

O peso que a economia de produção de alimentos passa a deter, em alguns estabelecimentos, logo no Neolítico médio, está bem evidenciado em nível de *habitat* e sepulcral escavado no Algarão da Goldera (Algarve), datado de 4990 ± 300 BP (SMU-2197), ou seja, 4154-3431 cal BC, a 2 sigma. A partir da análise de isótopos estáveis de carbono e azoto de dois adultos aí sepultados, e do estudo das patologias dentárias, concluiu-se que o regime alimentar se teria baseado no consumo de cereais e de carne de herbívoros como ovicaprinos e bovinos. Por outro lado, as análises polínicas e antracológicas indicaram uma situação de desflorestação e a presença de campos de cultivo de cereais nas proximidades da gruta. Como se verificou pelo estudo dos restos faunísticos, a caça (javalis, aves, lagomorfos) ocupou uma posição muito minoritária nos recursos alimentares consumidos, e a recollecção de moluscos, embora mais importante que aquela, desempenhou um papel secundário no respectivo modo de subsistência. Tenha-se em consideração que a gruta dista somente 9 km da linha de costa actual e, de acordo com as espécies recolhidas (*Scrobicularia plana*, muito abundante; *Solen marginatus* e *Pecten maximus*, raras), o sistema lagunar da Ria Formosa já se encontraria instalado (STRAUSS *et al.* 1992).

Durante o Calcolítico, os recursos marino-estuarinos continuam a estar bem representados em estabelecimentos costeiros de economia marcadamente agro-pecuária, como os da Rotura e do Pedrão. Em situações críticas, por exemplo em anos de fracas colheitas, poderia ocorrer a intensificação do marisqueio. A este cenário parece adaptar-se a informação fornecida pela Rotura, povoado fortificado, plenamente calcolítico, onde, além de abundantes ossos

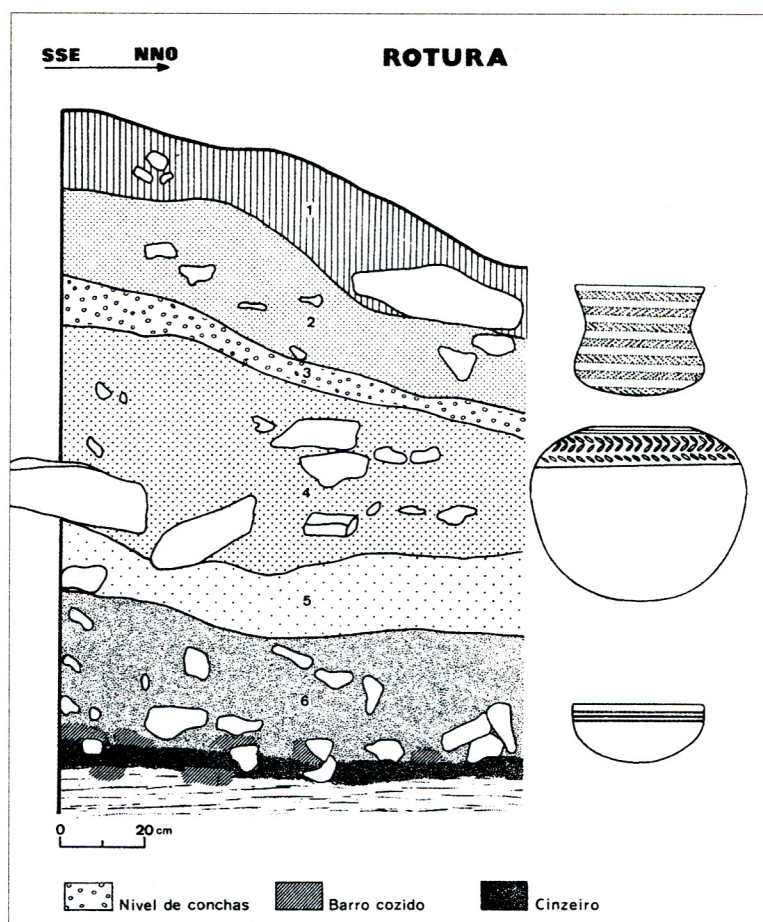


Figura 9

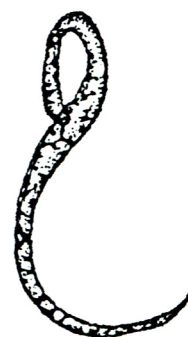
Rotura (Setúbal). Perfil estratigráfico, cobrindo as três grandes fases de ocupação deste povoado calcolítico. A camada 3 comportava-se como um nível conchífero dominado por conchas de amêijoia (*Venerupis decussata*), mas onde estavam igualmente presentes ossos de ovelha/cabra, porco e boi (segundo TAVARES DA SILVA e SOARES 1986).

de peixes, surgiram anzóis de cobre (níveis médios e superiores) que documentam a prática regular e organizada da pesca (TAVARES DA SILVA 1966-67; GONÇALVES 1971). A par destes vestígios, ocorrem conchas de moluscos marinhos que chegam a constituir níveis de concheiro, dominados pela lapa (*Patella*, spp.) amêijoia (*Venerupis decussata*), mexilhão (*Mytilus* sp.) e navalha (*Solen marginatus*). Estes táxons indicam a exploração de meios quer estuarinos com fundos areno-vascosos quer oceânicos, de vertentes rochosas (TAVARES DA SILVA 1968-70; VEIGA FERREIRA e TAVARES DA SILVA 1970; GONÇALVES 1971).

Outros povoados calcolíticos, de cumeada, da Península da Arrábida, como Chibanes e Malhadas (SOARES e TAVARES DA SILVA 1974-77), mais recuados relativamente à linha de costa que os da Rotura e Pedrão, revelaram também a presença de conchas de moluscos marinhos. Estes podem ter sido recolhidos directamente pelos habitantes dos povoados referidos ou obtidos por troca com outros grupos de maior acessibilidade ao litoral e mais vocacionados para o marisqueio. Esta segunda hipótese ganha credibilidade se atendermos ao curto espectro taxonómico das espécies registadas: *Venerupis decussata* e *Solen marginatus*. Estas espécies, e particularmente a primeira, devem ter-se comportado durante o Calcolítico do centro e sul de Portugal como um alimento muito apreciado e mesmo de prestígio, a julgar pelo elevado número de povoados do interior onde foram consumidas (Barrada do Grilo e Monte da Tumba, no Torrão do Alentejo, Porto do Torrão,

Figura 10

Anzol de cobre proveniente da Rotura - Calcolítico (segundo TAVARES DA SILVA 1966-67). Escala 1:1.



em Ferreira do Alentejo, Santa Justa, em Alcútem, e Torre do Esporão 3, em Reguengos de Monsaraz, a uma distância de 150 km do litoral).

Na Costa Sudoeste identificámos dois arqueossítios com níveis conquíferos, pertencentes ao Calcolítico. Um deles é o já referido concheiro de Montes de Baixo, no paleoestúário da Ribeira de Seixe, onde, durante o Calcolítico, houve a reocupação da área do *habitat* mesolítico a que atrás aludimos. O grupo humano que aí se estabeleceu em 4170 $\pm$ 60 BP (ICEN-716), data a que corresponde o intervalo de 2900-2507 BC, após calibração a 2 sigma, dedicou-se intensamente ao marisqueio, recolectando sobretudo mexilhão (*Mytilus* sp.) na desembocadura da Ribeira de Seixe, isto é, a 2 km do local do *habitat*. O que teria levado então este grupo humano a ocupar Montes de Baixo? O paleoestúário, que durante o Mesolítico tinha sido a principal área de exploração de marisco, encontrar-se-ia agora já grandemente assoreado como a composição da fauna malacológica do nível calcolítico, com escassez de táxones estuarinos, parece sugerir. Além disso, o nível de ocupação apresentou densidade relativamente elevada de cerâmica cuja morfologia, embora típica do Calcolítico, parece excluir, em termos funcionais, a prática de agricultura cerealífera (quase ausência de pratos e grandes taças carenadas). Essa quantidade de cerâmica não se coaduna com uma ocupação voltada essencialmente para a recollecção de marisco (de notar que o nível conquífero não continha ossos de peixes, aves ou mamíferos). Se atendermos “ao enquadramento biofísico do sítio, marginado por retalhos de depósitos aluviais e coluviais férteis e aptos para a prática da horticultura, ou agricultura de regadio, podemos supor que a recollecção de moluscos, que se impõe arqueologicamente pela sua grande visibilidade diferencial, poderia ter complementado uma agricultura de Primavera, baseada em espécies com um ciclo de vida curto” (TAVARES DA SILVA e SOARES 1997: 105).

Ao estudarmos Montes de Baixo, notámos que os melhores paralelos para a cerâmica aí exumada se encontram em outros sítios litorais, de economia agro-marítima, como o Possanco (Comporta) e Ponta da Passadeira (Barreiro). Colocámos então a seguinte questão: teria sido o acampamento de Montes de Baixo “uma extensão sazonal de um povoado interior, de cumeada, agro-pastoril, ou, pelo contrário, ele é apenas um modesto sobrevivente da estada de grupos humanos dotados de identidade cultural própria, adaptados a meios marino-estuarinos que percorreriam longitudinalmente a faixa costeira entre, pelo menos, o Tejo e o Algarve, constituindo a expressão de uma verdadeira divisão sócio-territorial do trabalho?” (TAVARES DA SILVA e SOARES 1997: 105).

Esta questão poderia ser igualmente formulada a propósito do depósito conquífero que identificámos em Vila Nova de Milfontes - ETAR. Integra um vas-

to sítio aberto, que se estende por quase 1 km ao longo da arriba, da antiga foz do Mira para norte, e que fornece abundante cerâmica calcolítica. O nível de ocupação foi datado, após correcção para o efeito de reservatório oceânico, de 4120 $\pm$ 60 BP (ICEN-726), ou seja, 2882-2484 cal BC (a 2 sigma). Pouco espesso (não atingia 0,1 m na área sondada), é rico em conchas de moluscos marinhos, predominando largamente o caramujo (*Monodonta lineata*), seguido pela lapa (*Patella* spp) e pela púrpura (*Thais haemastoma*), táxones de ambientes intertidais rochosos. A presença da amêijoia (*Venerupis decussata*) indica-nos que o marisqueio abrangeu também os fundos areno-vascos do estuário do Mira. Não surgiram restos osteológicos de peixes, aves ou mamíferos (TAVARES DA SILVA e SOARES 1997).

Esta jazida prolonga-se para norte e pelo Bronze antigo, através do sítio do Palheiro Furado. Os materiais aí encontrados, em nível com cerca de 0,1 m de espessura, integram-se tipologicamente no Bronze antigo, o que é confirmado pela data radiocarbónica (corrigida para o efeito de reservatório oceânico) de 3820 $\pm$ 70 BP, ou seja, 2464-2034 cal BC (a 2 sigma). A fauna é constituída exclusivamente por restos de invertebrados marinhos; predomina o género *Patella* (TAVARES DA SILVA e SOARES 1997).

Conclusões

Tanto quanto as evidências faunísticas conservadas nos permitem recuar no tempo, constatamos que, no litoral do sul de Portugal, os recursos marinhos, moluscos incluídos, começam a ser explorados com fins alimentares no Paleolítico médio, tendo sido admitidos, embora em situação claramente secundária, na dieta dos caçadores neanderthalenses da costa da Arrábida (Gruta da Figueira Brava).

Será, porém, necessário aguardar o Holocénico para depararmos com as mais impressionantes manifestações de economias pré-históricas costeiras. No chamado “tempo dos concheiros”, que abrange o Mesolítico em sentido lato e o Neolítico antigo, encontramos, quer na plataforma litoral quer nos estuários do Tejo e Sado, numerosos sítios arqueológicos nos quais as estratégias de subsistência se centraram na exploração de recursos marino-estuarinos. Os conjuntos faunísticos e os resultados fornecidos pelos isótopos estáveis de carbono e azoto dos ossos humanos comprovam tal afirmação.

A partir do Neolítico antigo evolucionado, quando se assiste à plena assimilação da economia agro-pastoril e à emergência do modo de produção doméstico, torna-se evidente que, mesmo na zona costeira (Algarão da Goldra), a vertente depredadora do sistema de aprovisionamento de fontes alimentares perde importância. Porém, neste momento de viragem, durante o V milénio cal BC, existem grupos

que, embora consumindo alimentos provenientes da agro-pastorícia, obtidos por produção própria ou por troca, prosseguem a prática da pesca e do marisqueio como actividades centrais das suas estratégias de subsistência. De alguma forma, prolongam por tempos neolíticos o modo de produção anterior. Este ter-se-á integrado no modo de produção doméstico através de uma divisão sócio-territorial do trabalho. Os grupos de pescadores-mariscadores neolíticos mantêm-se basicamente nas áreas de origem: estuários do Sado e Tejo e zonas húmidas da Costa Sudoeste. Relativamente aos concheiros do Mesolítico e Neolítico antigo do Sado e Tejo, os acampamentos sofrem uma deslocação para jusante, acompanhando o processo de colmatção estuarina flandriana. A proximidade imediata do povoado face ao(s) ecossistema(s) explorado(s) seria uma condição necessária à sobrevivência dos grupos. O ambiente de ecótono, onde se cruzam recursos marinhos, fluviais e terrestres é o eleito por estes grupos humanos.

Assim, a partir dos inícios do Neolítico médio, surge uma economia que designamos genericamente por agro-marítima, claramente diferenciada da economia agro-pastoril praticada na maior parte do sul de Portugal. Aquela atingirá a sua melhor expressão nos inícios do Calcolítico (finais do IV-inícios do III milénio cal BC) nos sítios estuarinos de Ponta da Passadeira (Barreiro) e Possanco (Comporta).

As economias agro-marítimas neolíticas integram um modo de vida anfíbio completamente distinto do do Neolítico e Calcolítico de feição agro-pecuária.

Paulatinamente, terá sido criado um verdadeiro sistema cultural particularmente rico em informação sobre os meios costeiros e em experiências de adaptação aos mesmos, onde as tradições dos últimos colectores-pescadores mesolíticos se terão conservado mais vivas. Os seus portadores demarcam-se no registo arqueológico, em um primeiro momento (Neolítico médio-final) face ao Megalitismo, a cujos rituais funerários parecem não ter aderido, praticando enterramentos em sepulturas de tipo fossa, na área do povoado (Malhada Alta-Comporta) e desenvolvendo uma cultura material distinta, nomeadamente no que respeita à olaria. Durante o Neolítico final-Calcolítico, entre os povoados ribeirinhos de economia agro-marítima (Ponta da Passadeira, Possanco) e os povoados fortificados de economia agro-metalúrgica (Rotura e Chibanes, p. ex.) existe uma clara fronteira cuja gestão dificilmente poderemos imaginar em um contexto marcado pelo aumento da sedentarização e pela intensificação económica aportada pela Revolução dos Produtos Secundários.

Em trabalho recente (TAVARES DA SILVA e SOARES 1997), colocámos duas hipóteses alternativas para explicar a existência de sítios calcolíticos de economia essencialmente marítima na Costa Sudoeste (sítio da ETAR de Vila Nova de Milfontes e

Montes de Baixo): serem estabelecimentos temporários, de carácter sazonal, satélites de povoados de economia agro-pecuária, localizados no *hinterland*, ou serem expressão de grupos humanos dotados de identidade cultural própria, adaptados a meios marino-estuarinos que percorreriam longitudinalmente a faixa costeira entre, pelo menos, o Tejo e o Algarve, constituindo a expressão de uma verdadeira divisão sócio-territorial do trabalho engendrada pela exploração económica dos recursos marinhos.

Actualmente, consideramos que as duas hipóteses formuladas não são necessariamente exclusivas, podendo ambas as situações ter ocorrido em um período tão criativo e dinâmico como foi o Calcolítico.

Em suma, o aspecto mais relevante a que nos conduziu a presente análise consistiu na proposta do modelo de divisão sócio-territorial do trabalho no sul de Portugal, durante o Neolítico médio-Calcolítico inicial, directamente associada à exploração dos recursos marino-estuarinos. Este modelo entra necessariamente em um domínio muito inseguro para a Arqueologia, o das identidades culturais e/ou étnicas, uma vez que a identidade étnica se relaciona com a consciência de pertença a um grupo específico, com origem e percurso histórico singulares, reconhecidos, apropriados e partilhados pelos elementos do grupo. Conscientes dos perigos desta incursão, os nossos argumentos incidiram não só na cultura material, cuja variabilidade espacial pode ser atribuída a muitos factores, mas também nas estratégias de subsistência e povoamento, nos rituais funerários e, essencialmente, no processo histórico de formação e afirmação dessa identidade cultural, forjada em consonância com um modo de vida anfíbio que teve como cenário os estuários do Sado e Tejo e talvez alguns sistemas lagunares e/ou estuarinos da Costa Sudoeste, de menor amplitude. Os contornos dessa identidade cultural adquirem melhor leitura quando comparados com os das comunidades campestres megalíticas, em um primeiro momento, e com o modo de produção calcolítico, na fase de apogeu do seu processo formativo.



Referências bibliográficas

- BAILEY, G. e PARKINGTON, J. (1988) — "The Archaeology of Prehistoric Coastlines: an introduction". In BAILEY, G. e PARKINGTON, J. (eds.). *The Archaeology of Prehistoric Coastlines*. Cambridge University Press. pp. 1-10.
- BEJA, P. R. (1993) — "Estudo Preliminar de Restos Ósseos de Teleosteos de Níveis da Época Romana da Ilha do Pessegueiro. In TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J. *Ilha do Pessegueiro: porto romano da costa alentejana*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza. pp. 199-204.
- BRINKHUIZEN, D. C. et al. (1986) — *Fish and Archaeology. Studies in osteometry, taphonomy, seasonality and fishing methods*. Oxford (BAR International Series, 294).
- CARDOSO, J. L. (1993) — *Contribuição para o Conhecimento dos Grandes Mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

- CARDOSO, J. L. e RAPOSO, L. (1993) — "As Indústrias Paleolíticas da Gruta da Figueira Brava (Setúbal)". In 3ª Reunião do Quaternário Ibérico. Coimbra, pp. 451-456.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C. (1996) — "A Ocupação Neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988". *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 6: 47-89.
- CASTELL, W. (1972) — "Some Archaeological Use of Fish Remains". *American Antiquity*. 37: 404-419.
- CHENORKIAN, R. (1989) — "Mollusques Testacés et Diètes Préhistoriques". *Travaux du LAPMO* 1989, pp. 29-52.
- CLEYET-MERLE, J.-J. (1990) — *La Préhistoire de la Pêche*. Paris: Editions Errance.
- DESSE, G. e GRANIER, J. (1976) — "Les Poissons". In *La Préhistoire Française*. CNRS, pp. 437-441.
- GONÇALVES, V. dos S. (1971) — *O Castro da Rotura e o Vaso Campaniforme*. Setúbal: Junta Distrital.
- LE GALL, O. (1982) — *Les Poissons de Quelques Gisements Préhistoriques du Sud-Ouest de la France. Étude ostéologique, intérêt paléocologique et paléontologique* (thèse de troisième cycle en Géologie du Quaternaire et Préhistoire). Université de Bordeaux I.
- LE GALL, O. (1993) — "Évolution des Pêches de l'Épipaléolithique au Néolithique Ancien". *Préhistoire Anthropologie Méditerranéennes*. 2: 135-142.
- LENTACHER, A. (1986) — "Preliminary Results of the Fauna of Cabeço de Amoreira and Cabeço de Arruda (Muge, Portugal)". *Trabalhos de Arqueologia e Etnologia*. 26 (fasc.1-4): 9-26.
- LUMLEY, H. de (1975) — "Cultural Evolution in France in its Palaeoecological Setting During the Middle Pleistocene". In ISAAC, G. L. e BUTZER, K. W. (eds.). *After the Australopithecines*, pp. 745-808.
- MORALES, A. e ROSSELLO, E. (1988) — "Ictioarqueologia: nuevas técnicas al servicio de la reconstrucción prehistórica con algunos datos sobre el País Vasco". *Munibe (Antropología y Arqueología)*, Supl. 6, pp. 97-104.
- SOARES, J. (1992) — "Les Territorialités Produites sur le Littoral Centre-Sud du Portugal au Cours du Processus de Néolithisation". *Setúbal Arqueológica*. 9-10: 17-35.
- SOARES, J. (1995) — "Mesolítico-Neolítico na Costa Sudoeste: transformações e permanências". Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. Vol. IV. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 35 (2): 27-45.
- SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C. (1975) — "A Ocupação Pré-Histórica do Pedrão e o Calcolítico da Região de Setúbal". *Setúbal Arqueológica*. 1: 53-153.
- SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C. (1993) — "Na Transição Plistocénico-Holocénico: marisqueio na Pedra do Patacho". *Al-madan*. II Série. 2: 1-9.
- STRAUS, L. G.; ALTUNA, J.; FORD, D.; MARAMBAT, L.; RHINE, J. S.; SCHAWRZ, J.-H. P. e VERNET, J.-L. (1992) — "Early Forming in the Algarve (Southern Portugal): a preliminary view from two cave excavations near Faro". *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 32: 141-162.
- TAVARES DA SILVA, C. (1966-67) — "O Povoado Pré-Histórico da Rotura (nova contribuição para o seu estudo)". *Arquivo de Beja*. 23-24: 164-172.
- TAVARES DA SILVA, C. (1968-70) — "O Povoado Pré-Histórico da Rotura (Setúbal): vestígios de estratigrafia". *Arquivo de Beja*. 25-27: 31-44.
- TAVARES DA SILVA, C. (1996) — "Malacofauna e Arqueologia". *Al-madan*. II série, 5: 89-95.
- TAVARES DA SILVA, C. (1997) — "O Neolítico Antigo e a Origem do Megalitismo no Sul de Portugal. In *O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo*. Universidade de Santiago de Compostela, pp. 575-585.
- TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J. (1981) — *Pré-História da Área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J. (1986) — *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.
- TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J. (1997) — "Economias Costeiras na Pré-História do Sudoeste Português. O concheiro de Montes de Baixo". *Setúbal Arqueológica*. 11-12: 69-108.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J.; CARDOSO, J. L.; CRUZ, C. S. e REIS, C. A. S. (1986) — "Neolítico da Comporta: aspectos cronológicos (datas 14C) e paleoambientais". *Arqueologia*. 14: 59-82.
- TELLES ANTUNES, M. (1990-91) — "O Homem da Gruta da Figueira Brava. Contexto ecológico, alimentação, canibalismo". *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa (Classe de Ciências)*. 31: 487-536.
- VEIGA FERREIRA, O. da (1956) — "Fauna Malacológica, Crustacés et Poissons. Muge (Moita do Sebastião)". *IV Congresso Internacional de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas*. Zaragoza, pp. 339-346.
- VEIGA FERREIRA, O. da e TAVARES DA SILVA, C. (1970) — "A Estratigrafia do Povoado Pré-Histórico da Rotura (Setúbal): nota preliminar". In *Actas das Iªs Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. II, pp. 203-225.

PUBLICIDADE

Design CAA / Vera Almeida • 1998

al-madan

500

● REVISTA DE PERIODICIDADE ANUAL, COM CERCA DE 200 PÁGINAS ILUSTRADAS EM

FORMATO A4, DEDICADA ÀS TEMÁTICAS DA ARQUEOLOGIA, PATRIMÔNIO E HISTÓRIA LOCAL. ●

● DISTRIBUÍDA NO CIRCUITO COMERCIAL, OFERECE CONDIÇÕES DE ASSINATURA MUITO

FAVORÁVEIS E PROPÕE-SE ESTABELECE PERMUTA COM PUBLICAÇÕES CONGÊNERES. ●

ASSINE JÁ! PERMUTE!

PRODUÇÕES CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA
boletim de encomenda nas páginas interiores!

